

RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE UM ALUNO, ATUALMENTE UM PROFESSOR: A QUEM DIGA QUE A EDUCAÇÃO ESCOLAR NÃO SIRVA PARA NADA, E NÃO TRANSFORME OU MUDE AS PESSOAS. EU DISCORDO. BISCOITOS, APRENDIZADO E EMPATIA ESCOLAR ME SALVARAM

EXPERIENCE REPORTS OF A STUDENT, NOW ONE TEACHER: THERE ARE THOSE WHO SAY THAT SCHOOL EDUCATION IS USELESS AND DOESN'T TRANSFORM OR CHANGE PEOPLE. I DISAGREE. COOKIES, LEARNING AND SCHOOL EMPATHY SAVED ME

Marcelo Barboza Duarte¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

RESUMO

O presente trabalho se constitui em um relato de experiência. Alguns fragmentos desse relato foram inseridos em nosso texto e apresentação de dissertação de mestrado em Educação, Gestão e Difusão em Ciências, pelo Instituto de Bioquímica Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E fragmentos dos três últimos parágrafos estão inseridos em outro trabalho em agendamento a ser publicado. Entretanto, 70 a 80% da exposição aqui é inédita, autoral e original. Nesse construto apresentamos nossos relatos a partir de nossas experiências desde os sete anos de idade até nossa vida adulta. Isso enquanto indivíduo, sujeito e estudante-professor. Tais exposições e narrativas fazem parte da nossa trajetória desde a condição de ex-menor de rua e segregado pelo sistema escolar até certa forma de redenção pelos meandros escolares e educacionais. Isso porque sabemos da importância da escolarização e estudos superiores numa sociedade letrada e escolarizada. Dessa forma, a narrativa se inicia com nossas apresentações desde nossa infância, nossas vivências e experiências nas ruas, em escolas e comunidades que residimos dos sete aos vinte e três anos. A intenção e objetivos em construir um relato como este se deu a poucos anos atrás, especificamente em 2019 quando começamos a realizar certa busca pessoal por nossas origens e raízes ancestrais que tivemos pouco contato – e em alguns casos, nenhum contato, pois vivíamos uma infância e parte da adolescência pelas ruas do Rio de Janeiro de modo marginal e marginalizado. Conforme será apresentado e exposto no relato que se segue. Com certas inquietações sobre nossos familiares, antepassados e origens – partimos em busca de respostas. E para isso, fizemos uso de nossa formação como historiador, sociólogo e escritor literário. Juntando documentos familiares, fazendo relações, conexões e revisando datas. Sendo assim, após isso partimos para outras cidades e regiões do interior nordestino em busca de evidências documentais e se possível encontrar familiares. Dessa forma, o relato segue uma certa ordem cronológica crescente ou decrescente (a depender das perspectivas), e partindo dos meus avós até chegar a nossa pessoa, trajetória e história. Mesmo parecendo ser o trabalho um certo relato biográfico e literário, buscamos tentar expor nas

¹ - Mestre em Educação, Gestão e Difusão em Biociências pelo Instituto de Bioquímica Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), IBqM UFRJ/CCS/Bloco H, Cidade Universitária – Ilha do Fundão - Rio de Janeiro – RJ – Brasil. CEP: 21.941-902. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5948-5714>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9181809154326618>. E-mail: marceloduarte@id.uff.br

entrelinhas reflexões contextuais da sociedade, da cultura e da mentalidade social ou coletiva do país durante os processos históricos que atravessamos. Isso para situarmos tais realidades, relações sociais, nos localizarmos enquanto parte de certos contextos sociais, culturais, políticos, econômicos e históricos. E o nosso lugar de fala em cada momento. Logo, através da exposição em tela haverá muitas outras vozes falando ou dialogando nas entrelinhas das narrativas, quase que uma pluralidade de vozes e num processo dialógico silenciado e ou emudecido pelas forças dominantes e opressoras da época. Desse modo, além do trabalho conter certa exposição biográfica e relatos de experiências, ele também dá voz a muitos sujeitos silenciados e emudecidos. O que poderá ser aferido e percebido pelas noções dos conhecimentos da sociologia, psicologia, antropologia, historiografia e dentre outras. As influências freireanas sobre educação e escolarização marcam nossas percepções e exposições que serão expostas e promovendo reflexões e ou insights nas entrelinhas das narrativas. Assim como as influências, perspectivas, abordagens e métodos da História Cultural, da Micro-História e sobretudo, da história “de baixo para cima ou das massas” (Freire, 1992, 1997, 2001, 2006, 2007; Burke, 1997; Ginzburg, 1992; Hobsbawm, 2016). Além das teorias e autores mencionados, nossas percepções, reflexões e narrativas também estão influenciadas pelas perspectivas e abordagens das obras de Marx, Engels e Foucault.

Palavras-chave: Historiografia; Ditadura; Sistema Educacional; Escolarização; Analfabetismo; Pobreza; Educação Empática.

ABSTRACT

This is an experience report. Some fragments of this report have been included in our text and presentation for our master's thesis in Science Education, Management and Dissemination at the Institute of Medical Biochemistry of the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ). And fragments of the last three paragraphs are included in another paper that is being scheduled for publication. However, 70-80% of what is presented here is unpublished, authorial and original. In this construct, we present our stories based on our experiences from the age of seven until adulthood. As individuals, subjects and student-teachers. These expositions and narratives are part of our journey from being a former street kid and segregated by the school system to a certain form of redemption through school and education. This is because we know the importance of schooling and higher education in a literate and educated society. Thus, the narrative begins with an introduction to our childhood, our experiences on the streets, in schools and in the communities where we lived from the age of seven to twenty-three. The intention and objectives in building a story like this came about a few years ago, specifically in 2019, when we began to carry out a certain personal search for our origins and ancestral roots that we had little contact with - and in some cases, no contact at all, because we lived our childhood and part of our adolescence on the streets of Rio de Janeiro in a marginalized and marginalized way. As will be presented and explained in the following account. With certain concerns about our relatives, ancestors and origins - we set off in search of answers. To do so, we made use of our training as a historian, sociologist and literary writer. We gathered family documents, made relationships, connections and revised dates. We then set off to other cities and regions in the northeastern interior in search of documentary evidence and, if possible, to find family members. In this way, the story follows a certain chronological order, ascending or descending (depending on your perspective), starting with my grandparents and ending with our person, trajectory and history. Even though the work seems to be a biographical and literary account, we try to expose between the lines contextual reflections of society, culture and the social or collective mentality of the country during the historical processes we went through. This is so that we can situate these realities, social relations, and locate ourselves as part of certain social, cultural, political, economic and historical contexts. And our place of speech at all times. Therefore, through the exhibition on canvas there will be many other voices speaking or dialoguing between the lines of the narratives, almost a plurality of voices and in a dialogical process silenced or muted by the dominant and oppressive forces of the time. In this way, as well as the work containing a certain biographical exposition and accounts of experiences, it also gives voice to many silenced and muted subjects. This can be gauged and perceived through the notions of sociology, psychology, anthropology, historiography and others. Freire's influences on education and schooling mark our perceptions and expositions that will be exposed and promote reflections and/or insights between the lines of the narratives. As well as the influences, perspectives, approaches and methods of Cultural History, Micro-History and, above all, “bottom-up or mass” history (Freire, 1992, 1997, 2001, 2006, 2007; Burke, 1997; Ginzburg, 1992; Hobsbawm, 2016). In addition to the theories and authors mentioned,

Relatos de Experiência de um aluno, atualmente um professor: a quem diga que a Educação escolar não sirva para nada, e não transforme ou mude as pessoas. Eu discordo. Biscoitos, aprendizado e empatia escolar me salvaram

our perceptions, reflections and narratives are also influenced by the perspectives and approaches of the works of Marx, Engels and Foucault.

Keywords: Historiography; Dictatorship; Educational System; Schooling; Illiteracy; Poverty; Empathetic Education.

RESUMEN

El presente trabajo constituye un relato de experiencia. Algunos fragmentos de este relato se han incluido en nuestro texto y presentación de la tesis de maestría en Educación, Gestión y Difusión en Ciencias, por el Instituto de Bioquímica Médica de la Universidad Federal de Río de Janeiro (UFRJ). Y fragmentos de los tres últimos párrafos se han incluido en otro trabajo que está previsto publicar. Sin embargo, entre el 70 % y el 80 % de lo aquí expuesto es inédito, de autoría propia y original. En este constructo presentamos nuestros relatos a partir de nuestras experiencias desde los siete años de edad hasta nuestra vida adulta. Esto como individuos, sujetos y estudiantes-profesores. Dichas exposiciones y narrativas forman parte de nuestra trayectoria desde nuestra condición de antiguos menores de la calle y segregados por el sistema escolar hasta cierta forma de redención por los meandros escolares y educativos. Esto se debe a que sabemos de la importancia de la escolarización y los estudios superiores en una sociedad alfabetizada y escolarizada. De este modo, la narración comienza con nuestras presentaciones desde nuestra infancia, nuestras vivencias y experiencias en las calles, en las escuelas y en las comunidades en las que residimos desde los siete hasta los veintitrés años. La intención y los objetivos de construir un relato como este surgieron hace unos años, concretamente en 2019, cuando comenzamos a realizar una cierta búsqueda personal de nuestros orígenes y raíces ancestrales con las que habíamos tenido poco contacto - y, en algunos casos, ningún contacto, ya que vivimos nuestra infancia y parte de nuestra adolescencia en las calles de Río de Janeiro de forma marginal y marginados. Tal y como se presentará y expondrá en el relato que sigue. Con ciertas inquietudes sobre nuestros familiares, antepasados y orígenes, nos pusimos en busca de respuestas. Y para ello, hicimos uso de nuestra formación como historiador, sociólogo y escritor literario. Reunimos documentos familiares, establecimos relaciones y conexiones, y revisamos fechas. Así, partimos hacia otras ciudades y regiones del interior del nordeste en busca de pruebas documentales y, si era posible, de familiares. De este modo, el relato sigue un cierto orden cronológico ascendente o descendente (dependiendo de las perspectivas), y parte de mis abuelos hasta llegar a nuestra persona, trayectoria e historia. Aunque el trabajo parezca ser un relato biográfico y literario, tratamos de exponer entre líneas reflexiones contextuales sobre la sociedad, la cultura y la mentalidad social o colectiva del país durante los procesos históricos que atravesamos. Esto con el fin de situar esas realidades, esas relaciones sociales, y ubicarnos como parte de ciertos contextos sociales, culturales, políticos, económicos e históricos. Y nuestro lugar de expresión en cada momento. Por lo tanto, a través de la exposición en pantalla habrá muchas otras voces hablando o dialogando entre líneas de las narrativas, casi una pluralidad de voces y en un proceso dialógico silenciado y acallado por las fuerzas dominantes y opresoras de la época. De este modo, además de contener cierta exposición biográfica y relatos de experiencias, la obra también da voz a muchos sujetos silenciados y acallados. Esto puede evaluarse y percibirse a través de los conceptos de la sociología, la psicología, la antropología, la historiografía y otras disciplinas. Las influencias de Freire sobre la educación y la escolarización marcan nuestras percepciones y exposiciones, que se mostrarán y promoverán reflexiones y/o ideas entre líneas de las narrativas. Al igual que las influencias, perspectivas, enfoques y métodos de la Historia Cultural, la Microhistoria y, sobre todo, la historia «de abajo hacia arriba o de las masas» (Freire, 1992, 1997, 2001, 2006, 2007; Burke, 1997; Ginzburg, 1992; Hobsbawm, 2016). Además de las teorías y autores mencionados, nuestras percepciones, reflexiones y narrativas también están influenciadas por las perspectivas y enfoques de las obras de Marx, Engels y Foucault.

Palabras clave: Historiografía; Dictadura; Sistema educativo; Escolarización; Analfabetismo; Pobreza; Educación empática.

INTRODUÇÃO

Por certas perspectivas, análises e reflexões pelo materialismo histórico-dialético, fizemos o esforço de observar os processos e desdobramentos históricos de um cenário ou quadro “individual-familiar,” como um exemplo micro – de como as condições sociais, materiais, econômicas, culturais, educacionais e políticas podem ser fundamentais e cruciais para a transformação de um indivíduo, sujeito e sociedade. Ou seja, possuir tais condições podem ser favoráveis a quem as possui, e desfavoráveis para os que são desprovidos delas. Marcando vidas e suas histórias. Em uma sociedade fortemente dividida em classes, injusta, desigual, hierarquizada, preconceituosa, etnocêntrica, segregacionista, supersticiosa, intolerante e fundamentalista, tais ingredientes são propícios para a fermentação de ideologias e manifestações salvacionistas, apocalípticas, autoritárias, ditatoriais e de violências. Para realizar tais observações, análises, reflexões e escritos nos apropriamos da metodologia materialista dialética – entretanto, abrindo mão das concepções de fim da história, ditadura do proletariado, certos determinismos etc. Essa metodologia nos foi útil para analisar a história não governada, regida, direcionada e controlada por uma razão externa, superior e mística. Mas, sim que a história se dá por processos, conflitos, antagonismos, embates, contradições e eventos entre os sujeitos, sociedades e culturas – sobretudo envolvendo os aspectos e âmbitos econômicos, políticos, sociais, culturais, psíquicos, financeiros e dentre outros. Ou seja, a história e seus processos ocorrem por embates, lutas e eventos materiais, concretos e simbólicos – e não por uma governança e determinação extra-humana ou apenas econômica. E se ela não se dá na dimensão abstrata ou “invisível-espiritual,” mas sim concreta e nas relações sociais e de forças – será nesse campo que precisamos atuar objetivamente e estarmos preparados. Em todos os sentidos e aspectos. Dessa forma, faremos relatos de experiências com várias camadas de vozes nas entrelinhas. No fim do texto há alguns anexos documentais, sociais e históricos.

O início de tudo e seu contexto

Nasci em um lar com muitas dificuldades, meu pai analfabeto e sem muita perspectiva de vida, não valorizava o desenvolvimento dos três filhos e nem o dele. Apesar de ele não ter sido escolarizado e ter se tornado alcoólatra muito jovem, era um homem muito inteligente e com muitas habilidades de trabalho e para o trabalho. Mas, certos comportamentos e condições sociais, econômicas e dentre outras o fizeram tomar outros rumos. Infelizmente. Porém, há várias respostas para isso, e deixaremos algumas nas entrelinhas dessas reflexões históricas. Algumas serão respondidas diretamente e outras

Relatos de Experiência de um aluno, atualmente um professor: a quem diga que a Educação escolar não sirva para nada, e não transforme ou mude as pessoas. Eu discordo. Biscoitos, aprendizado e empatia escolar me salvaram

indiretamente, no qual deixaremos o leitor-pesquisador refletir sobre as conjunturas, seus processos, produções e consequências sociais e outras mais.

Ele saiu do interior do Nordeste, da zona rural nos anos 50, com quatorze anos de idade. Sem saber ler e escrever, deixou o sertão do nordeste para tentar sobreviver no Rio de Janeiro. Perdeu tudo! E foi recomeçar sua vida com quatorze anos do “nada ou zero.”

Originário de pai e mãe agricultores – teve seu pai (meu avô) assassinado durante a ditadura Vargas. Isso por tentar se manifestar com grupos de colegas por melhorias e qualidade de vida. Ou seja, melhores condições de sobrevivência e existência. Ao menos três foram assassinados no mesmo dia. Descobri parte dessa história fazendo uma historiografia familiar para responder a certas indagações que possuía. E que meu pai morreu com elas. Para tanto, parti para o sertão nordestino no estado de Pernambuco. Com inúmeras indagações, conflitos e falta de respostas. Lembrando que desde os anos 20, 30, 40 a 50 no Brasil já havia sementes, movimentos e efervescências fascistas, nazistas, autoritárias e ditatoriais que se manifestavam abertamente no tecido social. Meus avós e pai foram vítimas dessa conjuntura e seus processos. Mas, lutando!

A mãe do meu pai, sendo uma mulher do campo, pobre e com dezoito filhos – perdeu quinze deles nas condições de vida no sertão e durante sua jornada para o Rio de Janeiro, ficando com os três únicos filhos sobreviventes. A pobreza e a miséria eram enormes, tanto para eles quanto na época para muitos brasileiros. Talvez para a maioria da população. Digo isso sem informar precisão e exatidão, porque as informações e dados da época eram alterados, corrompidos, não informados ou negligenciados pelos grupos no poder, subalternização e manipulação das massas. Meu pai, seus irmãos e mãe deixaram o pouco que restava para trás, e partiram de lá. E eles perderam tudo.

Minha mãe, natural do interior do Rio de Janeiro, teve que sair de casa por volta dos seus treze anos de idade para trabalhar na região metropolitana como empregada doméstica – uma vez que ela, também era oriunda de pais agricultores, sendo sua mãe uma mulher negra, que foi mãe muito nova, com menos de quatorze anos de idade, isso quando foi tomada como mulher por um homem branco com mais de cinquenta anos – um comerciante aventureiro vindo de São Paulo para o Rio de Janeiro, sendo ele casado, “pai de família,” cristão fiel, conservador e com familiares e netos em São Paulo.

No interior do Rio, ele abriu um pequeno comércio e colocou pessoas para trabalharem para ele e em sua pequena porção de terra. Quase todos eram negros, descendentes de indígenas e mestiços.

Alguns desses trabalhadores era um homem negro (dentre vários outros), esse com aproximadamente 32-35 anos de idade ou menos, e sua esposa – uma descendente de indígenas, onde uma das filhas desse casal foi a adolescente que o homem de mais de cinquenta anos, e vindo de São Paulo a utilizou como mulher e a fez conceber três filhos. Sendo esta a minha avó, a menina negra de treze para quatorze anos de idade.

Após menos de dez anos, ele a abandonou com três crianças e retornou para a sua família, mulher, filhos e netos em São Paulo. Deixando no interior do Rio de Janeiro todas aquelas pessoas desestruturadas e com crianças cuidando de crianças. Além de ter deixado minha avó, uma jovem mãe adoecida e acamada, morando num pequeno quarto alugado, quando ele com mais de sessenta anos de idade partiu e nunca mais retornou ou deu notícias.

E assim, após anos meu pai e minha mãe se conheceram pela região metropolitana do Rio de Janeiro. E depois de alguns encontros foram tentar sobreviver juntos. Ambos vão recomeçar suas vidas do “nada ou zero.” Ambos haviam perdido tudo.

O começo de nossa trajetória pelas ruas

Morávamos numa comunidade carente, mas tínhamos um teto. No entanto, aos cinco anos e meio de idade, perdemos nossa casa soterrada num dia de chuva forte, com tudo que tínhamos. Na verdade, o pouco que tínhamos. Meus pais perdiam tudo pela segunda vez. Salvamos somente nossas vidas.

Não lembro mais da noite, mas sim do dia, de pé numa casa do morro mais acima da nossa, enrolado em um cobertor de um vizinho. De lá olhei minha casa e tudo que tínhamos soterrado sob lama e barro, recordo-me que, ao tirarem uma boneca ela saiu acinzentada de lama. Assim foi tudo mais, perdemos tudo! E tudo só piorou e piorava cada vez mais. Alguns diziam que tudo aquilo era o destino, carma, maldições hereditárias, pecados etc. Como a educação sociológica, histórica, filosófica e política faz falta para muitos brasileiros. A que tipo de pesquisa e área se enquadraria tudo isso?

A chuva passando, meu pai e alguns vizinhos, começaram a construir um barraco somente de tábuas no mesmo local. Não havia piso, não havia quartos, nem sala e nem banheiro. Era apenas um barracão como um caixote de tábuas. Ele nos colocou ali dentro e foi embora sem terminá-lo. Isso após muitas brigas e discussões com minha mãe.

Ficamos ali com ela desempregada, sem roupas, sem água, sem comida, sem remédios, sem dignidade ou respeito. Uma mulher com três crianças, uma de quatro anos, eu de cinco e outra de sete anos de idade. Recebemos a solidariedade de algumas pessoas, não era muito, mas eu me aquecia e me sentia bem de ter uma roupa para vestir, pois sentia

Relatos de Experiência de um aluno, atualmente um professor: a quem diga que a Educação escolar não sirva para nada, e não transforme ou mude as pessoas. Eu discordo. Biscoitos, aprendizado e empatia escolar me salvaram

frio e fome. Mesmo sendo roupas velhas e poucos pedaços de pães. Todos na região eram muito pobres, hoje denominaríamos pobres ao extremo. Miseráveis se ajudando mutuamente para sobreviverem. Essas histórias e fatos sociais ainda se repetem...

Com o tempo, as complicações vieram, o desemprego de minha mãe foi agravando a situação econômica da família, problemas de saúde de meus irmãos... fui ficando de lado. E o assédio pelo ou para o crime ou práticas ilícitas nos eram constantes.

Comecei a vagar pelas ruas com fome. E a trabalhar nas ruas e fazer pequenos furtos em comércio. Esses furtos quase sempre eram alimentos, roupas e brinquedos. Eu tinha por volta de sete para oito anos.

Este foi um período crítico para meu desenvolvimento, sem nenhuma perspectiva de participação de minha família na escola, que nesta época eu comecei a frequentar. Isso com sete anos e meio de idade. Não tinha roupas, material escolar e ia para lá com fome, muita fome em todos os sentidos.

Sofria muito bullying, logo, não interagia. Não me relacionava com os demais colegas, vivia com o corpo ali, mas a mente longe. Com oito anos, ainda sofrendo vários tipos de abusos, saí da escola e passei a vagar com colegas que já eram viciados e com habilidades necessárias para sobrevivência nas ruas, como o uso de armas.

Comecei a beber nesta idade. E também a intensificar em furtar casas, lojas e pequenos comércio. Tudo em busca de comida, roupas e brinquedos! Esses eram nossos furtos, tentando suprir as mais básicas necessidades. Fiz uso de algumas drogas em alguns momentos, tais como éter, cola de sapateiro, loló etc. Essas drogas aqueciam o corpo, o estomago e me faziam dormir, apagar e esquecer de tudo – isso dos oito aos 14 anos de idade.

Com nove anos havia conseguido trabalho nas ruas, trabalho fixo e pesado para uma criança, mas ganhava algum trocado e ajudava em casa. Aos 10 anos, por não aprender como os outros, marginalizado, segregado e excluído abandonei a escola de vez. Já que por conta das condições e situações mencionadas, eu a frequentava muito pouco.

Além de passar mal, com fome, havia os problemas no barraco, os abusos que sofri desde os seis anos de idade, o bullying e dentre outros problemas que uma criança enfrenta. Muitas crianças pelo país talvez estejam vivenciando isso neste exato momento.

Difícil descrever aqui como sofri, não só pela situação social e de miséria, mas pela dificuldade intelectual e cognitiva que afetava meu aprendizado.

Então pensei em suicídio, várias vezes. Uma criança pode pensar em suicídio com apenas 9 ou 10 anos? Se procurarmos observar com cuidado, percebemos que, embora não

expressem, muitas pensam nesta saída. Eu ouvi muitos casos assim – tanto na minha infância quanto depois já sendo adulto, isso relatado por crianças e em pesquisas.

As relações com o sistema e comunidade escolar e a vida no “trabalho” (e emprego) infantil: informal, formal, lícito e ilícito

Diante de tudo isso, o pouco que frequentei a escola...

Fui considerado ‘um aluno e estudante problemático, “burro” e bagunceiro.’ Talvez tudo isso possam ser fazes e momentos biopsicossociais ou neurobiopsicossociais que o estudante possa estar vivenciando, como problemas no lar, com a família, ele próprio e dentre outros. Muitos estudantes problemáticos ou bagunceiros podem conter talentos e capacidades reprimidas e ou suprimidas por diversas ordens, causas, origens, motivos e fatores. Encontrei muitas crianças em condições de pobreza e misérias altamente habilidosas, talentosas e capazes, mas o sistema as segregou, as excluiu e as eliminou direta e ou indiretamente.

No meu caso, fui considerado, estigmatizado, taxado, carimbado e marcado como um ‘boi’-‘aluno-estudante problemático, insuficiente, fraco e bagunceiro,’ uma criança de 8 aos 11 anos de idade. É um fato que aos 9 anos cheguei a soltar uma bombinha que estourou na sala de aula, fiz isso no corredor e no banheiro, e que por tais motivos cheguei a ser agredido por professores, tendo eu apenas 9 anos de idade. Que atualmente seria um crime. Mas em escolas com resquícios da ditadura de 1964 aos anos 80, era comum sermos castigados, punidos e violentados em escolas com tendências do regime ditatorial.

Esses e outros também foram alguns dos motivos que me fizeram abandonar a escola. Saí e retornei algumas vezes, isso dos 8 aos 11 anos, no qual frequentava muito pouco às aulas e a escola. Como dito, saía e retornava sem qualquer motivação, ajuda, compreensão ou apoio. Era como um grito ou pedido de socorro silencioso. Até porque a escola era um único lugar que me concedia a única alimentação eficaz diária.

E como mencionado, a pobreza, a miséria e a fome eram nossas companheiras constantes. As violências, surras e os abusos também. As ruas eram a fuga e também o sofrimento. Juntamente com vícios e drogas. Tudo foi virando uma rotina e um ciclo.

Mas, eu sempre lembrava de uma professora, a ‘tia Fátima’ que levou biscoito para mim algumas vezes, isso quando chegava com fome na escola, pois não tinha o que comer em casa, tanto para mim como para ninguém, então às vezes eu retornava à escola, vezes e outras, e vários anos depois. Indo e voltando. Tudo por causa da ‘tia Fátima.’

Porém, mais uma vez tive que abandonar a escola, e mais uma vez por diversos motivos, como os trabalhos, empregos etc. Já que tive que trabalhar em diversos empregos

Relatos de Experiência de um aluno, atualmente um professor: a quem diga que a Educação escolar não sirva para nada, e não transforme ou mude as pessoas. Eu discordo. Biscoitos, aprendizado e empatia escolar me salvaram

desde os 8 anos de idade. Dos 9 a 11 anos de idade, as vezes conseguia algum trabalho ou emprego fixo, mesmo sem carteira de trabalho assinada, tais como faxineiro das 07:00 às 12:00 na casa de uma diretora de uma escola elitista. Quando não tinha emprego ou era dispensado do trabalho ou emprego, as práticas ilícitas eram os convites para se ter o que se alimentar e sobreviver. Mas eu sempre lembrava da ‘tia Fátima.’ Mesmo diante disso tudo. Nunca a esqueci!

Outro motivo que me faziam desistir de ir à ou para a escola, era a falta de materiais para estudar. Além da falta de roupas, calçados e lugar para estudar. Já que morávamos num pequeno casebre de tábuas e com um único cômodo. Alguns de nós dormia no chão de cimento frio. Era o nosso caso.

Também tinham os problemas de saúde e dentre outros. No qual geralmente além de ir poucas vezes à escola, também era constantemente reprimido, chamado à atenção ou levava duros sermões por chegar atrasado. Já que eu estava em outra escola, morava bem longe dela, entre 5 e 6km, e tinha que ir andando até lá todos os dias, fosse na chuva ou no sol. Com isso, eu estava quase sempre sentado na sala da coordenação para sofrer reprimendas ou me expulsarem. Chegar atrasado era um ato grave e tinham punições. Entretanto, nunca ninguém me perguntou o porquê de meus atrasos. Mas eu nunca esquecia da ‘tia Fátima.’ Mesmo estando em outra escola. Acho que por tudo isso meu pai deve ter tomado distância da escola, mas por ser considerado um analfabeto, uma forma de discriminação, adjetivação, segregação e exclusão, ele acabou mergulhando no alcoolismo. Talvez estes tenham sido alguns dos motivos, é claro. Um filho de agricultor, agricultor, analfabeto, nordestino e vivendo numa ditadura da elite, da burguesia e de certa classe média, fosse tal ditadura militar ou civil-militar, meu pai seria uma vítima.

Até que um dia uma diretora, dentre quatro, chamada Eloísa, nos chamou para conversar sobre meus atrasos na escola e de não participar ativamente das aulas, inclusive o porquê de eu dormir na sala durante as aulas. Minhas bagunças, brigas etc.

Então a expliquei que trabalhava desde os 8 anos de idade, que meus trabalhos eram pesados e precisava dele para ajudar em casa, vendia limão na feira, carregava tijolos, trabalhava como ajudante na construção civil, como jardineiro, faxineiro e assim por diante., e que dificilmente tinha o que comer para todos em casa, numa casa onde uma mulher com 4 crianças e que perdera o esposo e a casa com tudo numa enchente de fortes chuvas e deslizamentos, ela mal estava conseguindo cuidar de si mesma, e eu tinha que sair para revirar lixos para comer, além disso tinha outros afazeres como carregar água para beber, baldes e latas de 20 litros, e por isso chegava cansado, com fome, exausto e com

DUARTE, MARCELO BARBOZA.

sono. Isso era uma constante na minha vida desde os 8 anos e meio de idade. Eram muitos trabalhos, utilização de drogas que colegas compartilhavam, fome etc. Talvez essa fosse a história de milhões de brasileiros daquela época...

Na verdade, eu estava anêmico, sofria hipoglicemias e estava desnutrido, com problemas sociopsicológicos pela tempestade que levou o pouco que tínhamos, além dos esforços como um adulto, ainda tinham os problemas de não dormir bem por morar em local de tiroteios, onde o medo não me faziam dormir bem e nem relaxar em nenhum momento. Já que balas atingiam as paredes de nossa casa e próximo onde eu dormia.

Como eu me sentia seguro na escola, lá vinha o sono, além da fraqueza por falta de alimentação. Vi os primeiros assassinatos de pessoas se matarem a pauladas e tiros com apenas 8 e 9 anos de idade. Era difícil uma criança se concentrar depois de ver atos brutais e mortes dessa forma. Era difícil falar sobre eles. E pior ainda não saber falar e nem como começar a falar sobre tudo isso. Há muitas crianças vivenciando tais fatos.

Ela, a diretora Eloisa após me ouvir percebeu isso, e imediatamente me tirou da sala e me levou ao refeitório, pediu para me alimentarem naquele exato momento e ficou ali comigo. Me olhando e conversando comigo, calmamente, gentilmente e amorosamente – é evidente que eu falava coisas aleatórias. Mas, a empatia dela capturou tudo, toda a minha situação.

Terminado a refeição, ainda me deu biscoitos e leite. E disse aos funcionários que a partir daquele dia em diante não importasse a hora que eu chegasse, era para me alimentarem com o que tivesse na cozinha da escola. Comunicou aos professores meu caso e situação, inclusive fez um pacto comigo dizendo: “Eu quero que você se esforce, estude e passe de ano. Eu, Eloísa irei comprar livros e cadernos para você. Você me promete que vai estudar e passar de ano, Marcelo?” Eu respondi que sim, e realmente fomos aprovados naquele ano.

Mas infelizmente a vida fora da escola me retirou de lá novamente, e assim não consegui dar sequência, e a Eloisa foi deslocada para outro local. E agora não me esquecia mais nem da ‘tia Fátima’ e nem da diretora Eloísa.

Quando cheguei aos 12 anos, mudamos para outra comunidade e saímos do barraco de tábuas. Mas logo fomos despejados por falta de pagamento e mudamos para uma terceira comunidade. E assim perdíamos tudo numa sequência constante.

Entre essas mudanças, minhas relações com crianças e adolescentes foi se estendendo para três comunidades diferentes, agregando amigos que viviam situações semelhantes à minha. Isso ampliava as possibilidades de acesso ao crime, pois andava por vários morros e as ações ilícitas se intensificavam. Alguns dos colegas desta época hoje são

Relatos de Experiência de um aluno, atualmente um professor: a quem diga que a Educação escolar não sirva para nada, e não transforme ou mude as pessoas. Eu discordo. Biscoitos, aprendizado e empatia escolar me salvaram

mendigos, outros estão presos, um ou outro está inserido na sociedade, porém a maior parte deles morreram em assaltos, tiroteios ou foram assassinados. Quando faço a contagem, o número passa de 100. Isso desde os anos 70, 80 e 90.

Com 13 para 14 anos mudamos para uma outra comunidade. Essa se tornaria um dos morros mais perigosos de Niterói. E lá estava eu, próximo ao tráfico, ao crime e meus novos amigos.

Entrava e saía de escolas, pois os empregos me tiravam parte de minha infância e vida, além de serem sempre em situações humilhantes e pesadas. Com 14 anos já estava cansado de sofrer e de tanta miséria. Quando possuía alguma roupa boa ou brinquedo eram doados ou roubados, poucas vezes comprado, isso não era vida que ninguém possa querer. As vezes trabalhava duro para receber alguns centavos ou algum alimento.

Aos 15 anos, já envolvido com a quarta comunidade que morava, ganhei a primeira arma, um revólver que me alucinou. Escondi para pensar o que faria com ele. Logo me veio todo o meu passado, abusos, perdas, sofrimentos e dor. Chorei muito sozinho e veio o pensamento de morte, o suicídio mais uma vez.

Em seguida pensei em fazer uma lista de nomes para assassinar, isso mesmo, com 13 anos já tinha alguns nomes e com 15 passei a escrevê-los. Inclusive minha família, mãe, pai, irmãs etc. Passados alguns dias, eu chorava copiosamente sozinho, pois não queria isso. Eram mágoas, raivas, rancores e sofrimentos que eu queria apagar para não mais me fazerem sofrer, eu queria paz e alívio, apenas ser um pouco feliz e alegre, tendo o que comer, vestir e brincar. Viver uma vida digna, ou apenas um pouco.

Então, passados alguns dias, devolvi a arma ao colega traficante, rasguei a lista de nomes e disse: vou voltar a estudar!

Foi difícil, pois era já alcoólatra, como meu pai, e tinha muitos outros problemas familiares. A comunidade com o clímax da ascensão do tráfico, possuía um poder apelativo muito forte. E nos seduzia com suas facilidades, poder, vinganças etc.

Durante esses anos fomos para a antiga FEEM-RJ, estudar com vários adolescentes em situação semelhante à minha, e lá fizemos amigos de diversas outras comunidades, inclusive rivais do tráfico da comunidade que vivia. Mas também aprendi e fizemos novas amizades com outros interesses, e assim, ali passamos a nos respeitar e a nos ajudar. Quando terminávamos um curso ali oferecido, logo éramos encaminhados para o mercado de trabalho. Mesmo crianças e adolescentes destruídos internamente, emocionalmente e psicologicamente. E assim foi! Era como uma fábrica para produzir empregados infantis.

DUARTE, MARCELO BARBOZA.

Com 16 anos tive emprego fixo até os 19, porém, pela jornada dura de trabalho, que era das 8h às 18h, não conseguia estudar. Infelizmente, seguia o rumo e “destino” do meu pai. Eu, ao menos sabia ler e escrever muito pouco. Já ele não sabia nem isso, infelizmente. Entretanto, me sentia como ele. E hoje o entendo, digo sobre o não saber ler, escrever e ser classificado, categorizado e adjetivado como analfabeto. Somente uma pessoa que sente isso em sua vida – sabe como isso a machuca numa sociedade “letrada e escolarizada.” Meus avós também sabiam o que era isso. Não o homem de mais de meia idade, paulistano, conservador, profundamente religioso e comerciante aventureiro.

Somente aos 23 anos voltei a escola, consegui estudar e me escolarizar, fui tentando e tentando, passei por três escolas públicas e supletivos, mas continuava tentando e assim terminei a educação básica. Até que finalmente conseguir me manter nos estudos, e nunca mais parei. Em uma década e meia já possuía uma Biblioteca com mais de 5.000 mil livros. O texto acima foi uma parte de nossos relatos e apresentação da dissertação de Mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pelo Instituto de Bioquímica Médica da referida instituição.

O poder da escolarização e formação escolar, superior e a extensão delas

Me graduei como Licenciado em Filosofia; Pedagogia; Sociologia; História; Além de Bacharel em Teologia e Filosofia. Desisti na Graduação em Direito no terceiro período. Mas consegui concluir a Especialização em Filosofia, Neuropsicopedagoga e Ciência da Religião. Infelizmente não pude concluir a Especialização em História e Ciências Sociais. Entretanto, consegui concluir o Mestrado em Educação, Gestão e Difusão em Biociências no Instituto de Bioquímica Médica da UFRJ. Por questões pessoais não consegui dar continuidade ao possível doutorado.

Publicamos mais de uma dúzia de trabalhos entre artigos, ensaios e relatos de experiência para diversas universidades do país, sobre diversos temas e assuntos e oito livros literários como autor e escritor independente. E há mais de uma dúzia de trabalhos em avaliação, editoração e para serem publicados. Já que após os 23 anos comecei a escrever muitas apostilas, fazer relatos de experiências, viagens pelo país, participar de congressos etc.

Mas, nunca me esqueci delas, da “tia” Fátima e da Diretora Eloisa, e hoje estou aqui falando de educação, escola, formação de professores e dentre outros. Inclusive delas, ‘tia Fátima’ e da diretora Eloísa, e que ambas já não vivem mais entre nós em corpo, talvez através de nós ou de todos nós. Talvez elas estejam em mim ou através de mim falando e

Relatos de Experiência de um aluno, atualmente um professor: a quem diga que a Educação escolar não sirva para nada, e não transforme ou mude as pessoas. Eu discordo. Biscoitos, aprendizado e empatia escolar me salvaram

comunicando sua *práxis* e posicionamentos diante da realidade e dos fatos, e que elas agiram de modo objetivamente. Sobretudo, empaticamente. Me alcançaram, me impactaram e me influenciaram profundamente. E hoje estou aqui, vivo e escrevendo.

Não que esteja dizendo que os professores precisem fazer o que elas fizeram. Eu mesmo a exemplo já tentei ter atitudes como as delas, e que em certos momentos obtive êxito, e em outros não, onde obtive êxito – algumas dezenas de sujeitos voltaram a escola, foram para as universidades, concluíram cursos superiores e estão seguindo tentando transformar suas comunidades. Isso foi uma outra forma de reprodução social, que experimentei com a professora Fátima e a pedagoga Eloísa. Ação ou *práxis* empáticas, solidárias e de identificação. Sobretudo consciência de classes sociais e suas realidades.

Nas escolas e instituições que atuei sempre eram em média 70 a 80 alunos por dia, três turmas por dia e em três a quatro escolas diferentes. Às vezes dava uma média de 230 a 280 alunos por semana “passeando, dançando e cirandando na minha cabeça.” E ainda conciliava tudo isso com outras duas atividades, como na área de engenharia de telecomunicações e professor uma vez por semana de uma instituição privada. Vida docente.

Informo apenas para localizarem que não fui, fomos, sou ou somos um ‘teórico de gabinete,’ o que raramente existe, mas um professor de prática, como milhões pelo Brasil. E também informo que não estou a desmerecer, desqualificar ou afetar a imagem dos teóricos ou outros profissionais, jamais, seria totalmente antiético. Porém, são apenas informações para constar no trabalho quanto para haver uma localização nossa com e de grupo, classe e lugar de fala.

Logo, poderia dizer que para se compreender as necessidades, limites e condições dos estudantes, é necessário o professor se colocar no lugar deles, no lugar que um dia ele também já ocupou, o de educando, ou de ‘aluno.’ Ao se colocarem não como professores, mas como ‘alunos, o sem luz,’ para deixarem os educandos os iluminarem, e em tal relação e processo professoral e *práxis* pedagógica dialética e empática, ambos possam romper com os tradicionalismos, conservadorismos, fundamentalismos e reprodutivíssimos ainda em voga do e no fazer docente. Já que o fazer a ser superado ainda é um fazer classista, elitista e de manutenção dos corpos e mentes dentro dos ‘quadrados’ do *status quo* social vigente, dominante, hegemônico e de exploração dos sujeitos e atores sociais. O fazer pedagógico e professoral aqui proposto é aquele que altere essa ordem, que resista ao processo de dominação, conservação, alienação, controle, disciplina e reprodução social. Que o

subverta, assim como tantas, talvez milhares ou milhões de ‘Fátima e Eloísa.’ Com e pela empatia.

Esse fazer professoral e pedagógico de *práxis* consciente, empática, solidaria, de identificação e conscientizadora, não alienadora, deve ser sem hierarquias, sem controle ou domínio do outro, nem tão pouco dos saberes. Talvez assim ocorreria um fazer pedagógico de emancipação e libertário. Quem sabe estes também sejam métodos e didáticas pedagógicas.

Ou seja, talvez ou possivelmente, uma efetiva, eficaz e eficiente *práxis* docente emancipatória e libertária se realizará quando o professor descer do pedestal ilusório e fictício construído ideologicamente para ele pelas classes dominantes, como se ele fosse uma espécie de guarda, vigia e general do saber, um burocrata organizador e disciplinador burocrata. Assim sendo, é preciso que nós educadores escolares venhamos descer ao nível do educando, tanto como aprendiz e um aluno (o sem luz que vai ser iluminado por aqueles) diante dos educandos, quanto como em nível de classe trabalhadora e explorada pelas classes dominantes. Talvez com tais atitudes e comportamentos consigamos dar passos mais longos para superar a escola como um espaço de produção fabril e ou industrial que os estudantes vem sendo submetidos, já que eles tem sido a massa ou matéria prima a serem formados para serem alocados nas fileiras de produção do sistema capitalista, e nós como os funcionários formando indivíduos-máquinas altamente concorrentes, para disputas, supostos prêmios, posições, gratificações e sucesso, tudo ‘regado’ ao ideal de meritocracias e competências individuais e de origens. Que os e nos dividem ainda mais entre si e entre nós.

Este construto busca ser uma espécie de objeto de inspiração, incentivo, resistência e de conscientização de que a escolarização e a formação intelectual dos sujeitos – são fundamentais e cruciais para a transformação social de modo amplo, e quem sabe mudanças mais profundas, intensas e extensas. Abarcando o individual, coletivo, intelectual, político, econômico, cultural e assim por diante. Ele também é uma construção das imposições coloniais. Ou seja, este também é um produto decolonial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ora, a escola é lugar para se formar gente, seres humanos para viverem em sociedade, em harmonia, com respeito, dignidade, empatia e tolerância, buscando a justiça social e uma sociedade mais igualitária e equânime. Necessitamos urgentemente compreender que geralmente estamos quase sempre agindo em todo o nosso fazer docente como se estivéssemos em espaços e processos de linhas de montagens, do que lidando com

Relatos de Experiência de um aluno, atualmente um professor: a quem diga que a Educação escolar não sirva para nada, e não transforme ou mude as pessoas. Eu discordo. Biscoitos, aprendizado e empatia escolar me salvaram

seres humanos em processo de formação, seja tal prática consciente, ‘inconsciente’ ou talvez até mesmo estejamos alienados sobre ela. É de suma importância entendermos que cada estudante tem seu próprio tempo de maturação, desenvolvimento, ritmo, estilo e caminhos de aprender. Enfim, que nos coloquemos e nos posicionemos mais como ‘alunos’ do que mestres do saber. Sobretudo e fundamentalmente que nossas práticas sejam carregadas de empatias, respeito, tolerância, solidariedade, promoção da autonomia, emancipação e libertadora, pois elas “salvam” e são poderosas, assim como a educação escolar, pois a Educação é obtenção Poder. A educação empática é poderosa.

Ainda é difícil esquecer os mais de cem colegas entre crianças, adolescentes e jovens que morreram ou foram assassinados sem completar 18 ou 19 anos de idade. Alguns deles me ensinaram a construir brinquedos, costurar as próprias roupas, como vender produtos nas feiras, como construir os carrinhos de rolimãs para trabalhar nas feiras, como somar, diminuir, calcular em geral, a ler, a me interessar por leitura e tantas outras coisas. Esse relato é uma homenagem a todos esses professores e alunos, meus mestres da infância e da adolescência.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. In: ORTIZ, R. (org.). **Sociologia**. São Paulo. Editora: Ática, 1986.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1997.
- BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Lisboa. Editora: Fim de Séculos, 2003.
- BOURDIEU, P. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BURKE, P. **O Que é História Cultural**. Rio de Janeiro. Zahar, 1997.
- CANDAU, V. M. Direitos Humanos, violência e Cotidiano escolar. In: **Reinventar a escola**. Petrópolis, RJ, 2001.
- COSENZA, R. M.; GUERRA, L. B. **Neurociências e Educação: Como o Cérebro Aprende**. Porto Alegre. Editora: Artmed, 2012.
- DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- DAMÁSIO, A. **O Erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- AUTOR.; MAIA, C. O. O Impacto da Violência na Percepção de Estudantes da Educação Básica - Niterói-RJ. **Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação**. v. 18, n. 3, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/1430>. Acesso em: 20 de Out. 2024.

DUARTE, MARCELO BARBOZA.

AUTOR. A Dimensão Ontológica do Homem em Aristóteles e Marx: Fundamentando o Educando como Ser Político-Social e de Trabalho no Processo Educacional Social.

Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação. n. 17, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/13148>. Acesso em: 17 de Jan. 2024.

AUTOR. O Animal Essencialmente Político. **Cadernos Do PET Filosofia**, 10(19), 58-69, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/pet/article/view/1967> .Acesso em: 09 de Jun. 2024.

AUTOR. Educação Desumanizadora sob Observação e Reflexão: a educação e escola como instrumentos de luta e resistência ou de conservação, domesticação, alienação e subordinação: **Revista Observatório.** v. 6, n. 4, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/11111> . Acesso em 13 de Set. 2024.

AUTOR. O que é história, o sentido da história e a historiografia. **Oficina do historiador**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 1-14, jan.-dez. 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/38960>

AUTOR. Retratos de uma Batalha de Invisíveis, Quando a Luta de uma Comunidade Escolar é Lançada ao esquecimento durante a Pandemia do Covid-19. **Revista Interface (Porto Nacional)**, 22(22), 36–47. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/interface/article/view/14886>. Acesso em: 14 de Ago. de 2024.

AUTOR. Educação, Ensino, Aprendizado e Escola como Campo de Disputas e Instrumentos de Reprodução Social: Críticas Sociológicas e da Sociologia. **Revista Cadernos da Pedagogia.** Universidade Federal de São Carlos – SP. v. 16 n. 36, 2022. Dossiê: Processos de formação a partir de narrativas de vida. Disponível em: <https://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1462>. Acesso em: 27 de Set. de 2024.

AUTOR. Etnocentrismo, Xenofobia e Medo: Pulsão, Repressão e Recalque como Medo oculto do outro, do desconhecido, do diferente e do diverso. **Interritórios.** Revista de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, BRASIL, V.8 N.17: e254345 [2022 A]. Disponível: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/interritorios/article/view/254345/43090>.

AUTOR. O Brasil dos poucos donos de grandes extensões de terras: uma aproximação com a pedagogia feudal entre suseranos e vassalos, analogia, metáfora ou elementos feudais? **Revista Mutirão.** Folhetim de Geografias Agrárias do Sul V. III, No. 3, 2022. <http://dx.doi.org/10.51359/2675-3472.2022.254349>

AUTOR. O ser cidadão no Brasil: Um problema de semântica, de conceito, não entendimento do termo, não ativação e efetividade da prática ou uma economia da concretude?. **CAMINHOS DA EDUCAÇÃO** diálogos culturas e diversidades, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 01–28, 2023. DOI: 10.26694/caedu.v5i2.3852. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/cedsd/article/view/3852>. Acesso em: 9 dez. 2024.

ENGELS, F. **A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra.** São Paulo, Boitempo, 2008.

Relatos de Experiência de um aluno, atualmente um professor: a quem diga que a Educação escolar não sirva para nada, e não transforme ou mude as pessoas. Eu discordo. Biscoitos, aprendizado e empatia escolar me salvaram

FERNANDES, F. **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**. São Paulo: Nacional. 1979.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro. Editora: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação**. São Paulo: Unesp, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. Paz e Terra, 2007.

FREUD, S. **Escritos sobre Psicologia do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, S. **O Ego e o Id**. Rio de Janeiro. Editora: Imago, 1988.

FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, S. **Psicologias das Massas e Análises do EU**. São Paulo. Editora: L&PM, 2014.

FREUD, S. **O Mal-estar na Cultura**. São Paulo. Editora: L&PM, 2013.

FREUD, S. **Além do Princípio de Prazer**. São Paulo. Editora: L&PM, 2015.

FREUD, S. **Inibição, Sintoma e Medo**. São Paulo. Editora: L&PM, 2017.

GINZBURG, C. **A Micro-História e outros Ensaio**s. Lisboa. Difel, 1992.

GADOTTI, M. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

HERCULANO-HOUZEL, S. **Neurociências na Educação**. Minas Gerais. Cedec, 2012.

HOBBSBAWM, E. **A Invenção das Tradições**. São Paulo. Paz e Terra, 2014.

HOBBSBAWM, E. J. **Sobre a História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MARX, K. **O Manifesto do Partido Comunista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MARX, K. **O Capital**. São Paulo: Nova Cultural, 2004. v. 1.

MARX, K. **A Ideologia Alemã**. São Paulo. Editora: Boitempo, 2005.

MARX, K. **Manuscritos Econômicos Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2007.

DUARTE, MARCELO BARBOZA.

MASLIN, K. T. **Introdução a Filosofia da Mente**. Porto Alegre. Editora: Artmed, 2014.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Ubu, 2017.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SEVERINO, A. J. **Educação, Ideologia e Contra ideologia**. São Paulo: EPU, 1986.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

VYGOTSKY, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo. Edusp, 1991.

WOLFF, F.; FERREIRA, R. L. **Nossa Humanidade: de Aristóteles às Neurociências**. São Paulo. Unesp, 2016.

Submetido em: 14 de abr de 2025.

Aprovado em: 10 de jun de 2025.

Publicado em: 30 de ago de 2025.

Relatos de Experiência de um aluno, atualmente um professor: a quem diga que a Educação escolar não sirva para nada, e não transforme ou mude as pessoas. Eu discordo. Biscoitos, aprendizado e empatia escolar me salvaram

ANEXOS

Relacionados apenas a minha avó materna. Não possuímos muitas fotografias familiares. Nossa história de vida, familiar e trajetória demonstram os motivos.

Fotografia 1: Um dos filhos do meu avô (+30A) que veio de São Paulo (segue ele em foto posterior com os filhos da minha avó, a adolescente negra do RJ)



Foto tirada por volta de 1948/50.

DUARTE, MARCELO BARBOZA.

Filho paulistano de meu avô com os irmãos, filhos da adolescente, que foi mãe por volta dos 13-14 anos, minha avó.

Fotografia 2: Foto tirada por volta de 1948/50. Em menos de dois anos após a foto ser tirada, essas crianças e a mãe foram abandonadas – o pai voltou para sua família em São Paulo – abandonando essas crianças e a mãe doente e na miséria.

Minha mãe - com os 11 a 12 anos vai ser entregue a uma família para trabalhar como doméstica.



Foto tirada por volta de 1948/50.

Relatos de Experiência de um aluno, atualmente um professor: a quem diga que a Educação escolar não sirva para nada, e não transforme ou mude as pessoas. Eu discordo. Biscoitos, aprendizado e empatia escolar me salvaram

Fotografia 3: Minha mãe; Minha Avó; os demais filhos maiores são do meu avô de São Paulo



Ou seja, nessas histórias há a realidade de quatro a cinco gerações de mulheres que não puderam estudar por diversos motivos, causas e falta de oportunidades e acesso ao Ensino Básico. Tataravós materna negros e indígenas ex-escravos, bisavó filha de escravos negros e indígenas, avó negra e tratada como escrava desde a infância até ser dada como mulher a um homem que tinha idade de ser o avô dela.

DUARTE, MARCELO BARBOZA.

Fotografia 4: Minha avó e um dos seus filhos, filho do pai de São Paulo – Foto provavelmente tirada/batida nos fins dos anos 80. Atrás deles há um morro com mata e uma clareira – foi lá onde nós morávamos com minha mãe e nossa casa caiu – nos soterrando a todos e a chuva e lama levando tudo ou o pouco que nós tínhamos.



Fotografia 5: Nossa carteira ou cartão de matrícula da antiga Fundação Estadual de Educação do Menor – FEEM – RJ.

